OS AGOUROS DA “MALDIZENÇA”: UMA HISTÓRIA DE UM MAU PRESSÁGIO NO INTERIOR DO CEARÁ (1950-2000).

Francisca Eudésia Nobre Bezerra[1]

RESUMO: No Sertão Central cearense um fenômeno considerado como mau presságio que tem por denominação “Maldizença” e que, segundo as memórias, tem origens em uma determinada morte violenta ocorrida por volta da década de 1950, influenciou a comunidade de Oiticica, distrito do município de Ibaretama, por anunciar momentos de tensão social que teria a morte como desfecho. Considerando que a percepção do mundo está intimamente ligada a forma como apreendemos a realidade, e essa apreensão leva as marcas das relações estabelecidas em sociedade, é que temos como objetivo perceber na subjetividade desses sujeito como moldaram um imaginário acerca da morte durante a segunda metade do século XX, nos utilizando da memória enquanto fonte e da história oral enquanto metodologia.
Palavras chave: Memória; Oralidade; Imaginário; Morte

ABSTRACT: In the pertaining to the state of Ceará Central Hinterland a considered phenomenon as bad omen that has for denomination “Maldizença” and that, according to memories, has origins in one determined occured violent death for return of the decade of 1950, influenced the community of Oiticica, district of the city of Ibaretama, for announcing moments of social tension that would have the death as outcome. Considering that the perception of the world is closely on the form as we apprehend the reality, and this apprehension takes the marks of the relations established in society, is that we have as objective to perceive in the subjectivity of this citizen as they had molded an imaginary one concerning the death during the second half of century XX, in using of the memory while source and verbal history while methodology.
Keywords: Memory; Orality; Imaginary; Death

Em meados da década de 1950 uma morte violenta marcou uma pequena parte do sertão cearense, despertando vários sentimentos que viriam a influenciar posteriormente no comportamento dos moradores da comunidade de Oiticica, distrito do Município de Ibaretama, no Sertão Central do Ceará. Na época citada todo território de Ibaretama pertencia ao município de Quixadá, emancipando-se apenas em 1988, e até por volta do final da década de 1980 era basicamente rural. Segundo informações da SUDEC[2] a força do município se concentrava nos limites do seu extenso território municipal. Predominantemente rural sua economia girava entorno do binômio pecuária algodão. De

[1] Graduada em História pela FECLESC – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central. Mestranda pelo programa de Mestrado Acadêmico em História- MAHIS, da Universidade Estadual do Ceará. Bolsista CAPES.

[2] A Superintendência do Desenvolvimento Econômico e Cultural – SUDEC foi criada na década de 1960 no governo de Parcifal Barroso. Este órgão era responsável especificamente, pelas atividades de pesquisa do Estado. A pesquisa em questão foi realizada com o objetivo de identificar os problemas básicos de infra-estrutura urbana. Foi realizada nas sedes urbanas dos seguintes municípios: Iguatu, Crateús, Quixadá, Maranguape, Mombaça, Ipueiras, Barbalha, Nova Russas e Baturité.

fato as memórias apontam para um período em que Oiticica produzia toneladas de algodão para o município.

As relações estabelecidas giravam entorno das trocas de favores, de compadrio e da relação entre moradores e fazendeiros tão características do coronelismo vigente no início do século XX, onde a maioria dos moradores vivia sob a tutela dos fazendeiros, podendo existir boas relações, desde que as regras fossem cumpridas, até momentos de hostilidade, resultando às vezes na mudança do morador por conta dos momentos de tensão tão comuns no sertão. Acrescenta-se a essas relações as práticas políticas tão fortes na região que chegava, assim como em outras partes do Sertão, a ditar as regras sociais, as condutas, as manipulações etc.

Essas práticas ainda permanecem tão fortes na memória que podemos notar pelas a influência que exerceu e exerce sobre essas pessoas, pois a lembrança, assim como a omissão, traz consigo alguns indícios do que significou para uma pessoa um acontecimento ou uma época, guardadas as especificidades do local e do tempo de onde fala. Ao falar, os narradores transmitem o passado de várias formas, não só através da voz, mas dos gestos, dos silêncios, do tom de voz etc. dão sentido as suas narrativas de acordo com a representação que fazem do mundo e da vivência social. Apresentam-se como testemunhos de seu tempo e de suas vidas.

Foi nesse contexto que segundo as memórias um senhor de nome Carlos Vieira[3] foi morto de uma forma brutal que chocou a comunidade de Oiticica. Casado com uma jovem senhora e residindo em uma fazenda local, onde também residia a família de sua esposa, esse homem passou a manter um relacionamento amoroso com sua cunhada, gerando um atrito em família e despertando um sentimento de raiva, sobretudo no sogro e na sogra que passaram a acreditar ter a honra da família manchada pela infidelidade do genro para com a filha, e ao mesmo tempo expondo a segunda filha à condição de amante, fato vergonhoso para a sociedade do período, em se tratando das moças de família, principalmente nas comunidades rurais em que os valores morais eram mais arraigados. A morte foi a sentença dada por essa família a Carlos Vieira como forma de vingança pela traição, acreditando, desta feita, que a honra da família estaria "limpa" após a execução da sentença. Certo dia Carlos Vieira se dirigia até o centro do povoado e ao retornar a sua casa

[3] Nome fictício.

foi vítima de uma emboscada, encurralado e sem defesa, Carlos foi morto a golpes de foice e esquartejado em pequenos pedaços.

Essa morte seria apenas mais uma, das tantas ocorridas no sertão, se não permanecesse na tradição oral da comunidade, pela especificidade dos acontecimentos, como a morte que deu origem ao fenômeno que se convencionou chamar de "Maldizença" ou "Choro". Segundo as memórias, por ocasião desta morte algumas pessoas escutaram vozes, choros, gemidos que se misturavam aos gritos e pedidos de socorro, rogando aos santos para aliviar o sofrimento, porém apesar da nitidez do que se escutava e da sensação de proximidade de algo ruim que traria sofrimento, nada do que se ouviu tomou forma diante da visão, deixando apenas a curiosidade e as especulações sobre uma "Maldizença" que teria "aparecido"[4] no ar no dia anterior. Esse fenômeno permaneceu muito forte no imaginário de Oiticica durante a segunda metade do século XX.

Pensamos o imaginário como um sistema de idéias e imagens construídas pelos homens para dar sentido ao mundo, e que essas imagens não são coisas concretas, mas são frutos do ato de pensar a partir de um incentivo externo aos sentidos, "nessa medida, na construção imaginária do mundo, o imaginário é capaz de substituir-se ao real concreto como um seu outro lado, talvez ainda mais real, pois é por ele e nele que as pessoas conduzem a sua existência".[5]

Comecemos pelas memórias do Sr. Mauro Freitas[6] e do Sr. Josino Luiz[7], este também conhecido por Zoza, atualmente com 76 e 80 anos respectivamente, conversamos com os dois na mesma ocasião na residência do Sr Mauro, e na presença de alguns familiares, uma conversa rápida, porém reveladora. Naturais de Oiticica, ambos presenciaram, não a morte, mas o momento de comoção que se abateu sobre a comunidade por ocasião deste acontecimento. Ao ser indagado sobre a "Maldizença" os dois afirmaram:

---

[4] O termo "aparecido" é utilizado aqui da forma que é compreendido pelas pessoas que compartilharam suas memórias conosco, ou seja, para designar a existência ou ocorrência de algo visível ou não, podendo se apresentar apenas através dos sentidos e sensações.

[5] PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 47-48.

[6] Mauro Jorge de Freitas, fazendeiro, 72 anos no momento da entrevista, realizada no dia 17 de junho de 2009, em Oiticica, Ibaretama, Ceará.

[7] Josino Luiz da Silva, agricultor aposentado. 76 anos no momento da entrevista, realizada, em Oiticica, Ibaretama, Ceará, em 17 de junho de 2009

> A primeira que houve foi essa do finado Carlos, foi a primeira vez, aí de lá pra cá imendou, aqui acolá com um ano, dois [...] foi uma morte horrível de foice [...] se ouve uma maldizença muito grande, chorando e se maldizendo, uma hora tava aqui outra hora se maldizia lá pracolá, aí quando tinha a “Maldizença” podia esperar, havia morte...[8]

> Eu era rapazote, eu que fui buscar o delegado numa motocicleta, chamava motocicleta, moto era motocicleta, aí como tava o povo tudo afobado eu disse: me dá aí a motocicleta que eu vou buscar o delegado, era até o Júlio Esteves [...] aí ele vei levou o morto pra lá [...] era uma imbirra medonha né, foi os cunhados que mataro [...] ele pegou um namoro com a cunhada, aí começou disso... [9]

Neste momento a morte deste homem ganhou uma conotação mística ao ser associada ao fenômeno da “Maldizença” enquanto elemento fundador de uma crença que contem em seu bojo práticas sócio culturais da comunidade, onde se mesclam violência e elementos da religiosidade popular, como destacaremos posteriormente.

As narrativas indicam uma morte violenta, dolorosa e sofrida, que não se diferencia do histórico de mortes da região, porém as circunstâncias em que ocorreu, o esquartejamento e os gritos de dor fazem dessa morte um acontecimento terrível, marcado pela impiedade e crueldade da ação.

Recorreremos às narrativas do Senhor Antônio Maria[10], conhecido por Antônio do Circo, coveiro do cemitério local. Tivemos duas oportunidades de conversar com Sr. Antônio e presenciar as elaborações por ele feitas para compor sua narrativa a partir do exercício da recordação, o que resultou em mais de duas horas de conversa. Nas duas oportunidades conversamos no seu local de trabalho, o que serviu como um estímulo para memória, uma vez que é guardião de uma memória de vários momentos presenciados por ele em que a morte é responsável pela ruptura temporária da ordem social, promovendo momentos de comoção e tristeza. Ofereceu-nos uma cadeira, já gasta pela ação do tempo, mas que serve de descanso para aqueles que chegam para visitar seus mortos, e sentou-se em uma pedra ao nosso lado, e sob a sombra de uma árvore ao lado dos túmulos e catacumbas, Sr. Antônio ficou a vontade e me falou sua história de vida desde sua chegada à comunidade na década de 1960. Chegou como artista circense, daí o apelido pelo qual é conhecido até

---

[8] Josino Luiz. 2009.
[9] Mauro Freitas, 2009.
[10] Antônio Maria de Andrade, coveiro do cemitério de Oiticica, 64 anos no momento da entrevista, realizada em Oiticica, Ibaretama, Ceará, em 16 de agosto de 2009

hoje. O circo em que trabalhava chegou a Oiticica no ano de 1965, por ocasião da festa em homenagem a padroeira do lugar, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e cansado da vida de artista andarilho, ficou na comunidade, constituiu família e lá permanece até os dias atuais, mostrou-se um excelente narrador. Era visível a necessidade que tinha de falar, de contar suas histórias, de compartilhar suas memórias com alguém, enfim, de se fazer ouvir. Ao ser indagado sobre a morte de Carlos Vieira, ele nos responde:

> Eu não conheci ele não, mas conheço muito bem a história, por que desde que eu cheguei aqui todo mundo conta essa história e todo mundo conta do mesmo jeito[...] aí é como eu falei, ele era casado ai tinha essa cunhada dele que tinha de treze pra quatorze... mocinha nova, aí também apaixonou-se por ele, eles namoravam mesmo, de verdade, aí primeiramente a mulher dele soube mas como a mãe dela e os irmãos eram de uma família valente foi encobrindo, encobrindo, até que um dia a mãe dela soube, quando soube perguntou a ela se ela já sabia, ela disse que sabia mas só que não tinha dito por esse motivo assim e tal, aí ela disse:
> -Pois nós vamos matar ele.
> -Não mãe eu vou mandar ele ir embora.
> Aí a mulher dele falou com ele pra ele ir embora, ele disse que não ia [...]aí ficou aqui, e namorando com a mulher e com a cunhada. Quando foi um dia ele veio pra rua[11][...]quando ele vai daqui pra lá, a mãe dela já tava esperando no portão e dois filhos, já era de noite ele num viu, quando foi passando a véa deu uma foiçada mesmo assim nele, derrubou, quando derrubou, aí disse pros filho:
> - Se vocês for homem me ajude.
> Caíram em cima que nem um bando de urubu, mas diz que o pedaço que ficou inteiro foi as canelas, o resto ficou todo espedaçado...[12]

No mesmo sentido escutamos a narrativa do Senhor Edson[13], atualmente com 79 anos, policial reformado que morou e trabalhou na comunidade na década de 1970, portanto também chegou anos após o acontecimento aqui evidenciado. Narrou este fato de acordo com a pergunta que lhe foi dirigida: O senhor já ouviu falar sobre a "Maldizença"? Ao responder que sim, já inicia sua narrativa com o fato que para ele, assim como para os demais, deu origem ao fenômeno. Ele poderia ter iniciado sua narrativa sobre o assunto de qualquer outra forma, porém ao organizar sua memória escolheu justamente a morte de Carlos Vieira, transmitindo a idéia da necessidade do conhecimento do fato para que fosse justificada a "existência" da "Maldizença" e ao mesmo tempo ratificando o elemento

11 A rua é uma referencia ao centro do povoado, pois Carlos Vieira residia em uma das fazendas que compõe o distrito de Oiticica.
12 Antônio Maria de Andrade, 2009.
13 Senhor Edson Queiroz, na ocasião com76 anos, entrevista realizada em 23/07/2010 em Quixadá, Ceará

fundador do fenômeno. A história dessa morte lhe foi contada em uma das primeiras conversas com os moradores:

> Quando eu cheguei lá foi a primeira conversa que eu ouvi:
> - Tenha cuidado que aqui matam gente é cortado de machado.
> Antes de nós chegar lá, tinham matado um cara, [...], ali tem um lugar chamado de Ôco, lá morava um casal, o pai e os irmãos da mulher moravam lá também, parece que ele judiava muito com a mulher, sei que mataro o miserave. Lá nos mato, eles usam um pau pra lascar lenha com o machado num sabe? O povo faz fogo a lenha. Sei que se juntaro, os irmãos da mulher com o pai aí os dois pegaro o cara, o cunhado, seguraram, que eram novo, e o véi foi cortano ele naquele pau de cortar lenha, começou pelas pernas, subiu pelas pernas, sei que cortaro ele todim(...) ele vei pra cá num saco de estopa rapaz.(...) o véi foi quem matou, os filhos seguraram e ele matou, e ele se maldizeno, até chegar as pernas ele se maldizeno e aguentano aguentano, passou pros braços, cortano, até morrer. E ele vivo só gritano: ai, ai ,ai. Ai esse ai, ai, ai ainda existia quando nós chegamos lá, eu saí uma vez pra uma diligência aí minha mulher ficou, que morava lá também, ficou mais outra mulher, aí disse: Chica o que é aquilo, já era quase onze horas da noite. Não dona Maria isso aqui aparece [...], é no espaço né, como se tivesse voando assim: ai ai ai, aquela maldizença...[14]

As memórias trazem algumas discordâncias perceptíveis no que concerne aos fatos, mas são unânimes quanto à relação da morte violenta com o "Choro", Sr. Edson chega a insinuar que uma das vozes da "Maldizença" é de Carlos Vieira. São perceptíveis também alguns elementos que são agregados as narrativas através da transmissão oral ao longo do tempo, mesmo que seja um intervalo de tempo curto, no que tange ao tempo histórico, mas que podem funcionar como mais um indicador da relação da morte desse homem com a dita "Maldizença", ou seja, quanto mais sofrida mais difícil de ser aceita sem o sentimento de piedade e compaixão de quem escuta, a exemplo citado por Sr. Edson que, na sua versão, se refere ao "pau de lascar lenha" como o lugar de padecimento de Carlos Vieira, indicando o esquartejamento do corpo como algo inaceitável e que foge aos desígnios da racionalidade humana.

Destacaremos o acontecimento violento e traumático como uma ruptura da ordem social estabelecida, que agrega sofrimento, que segundo Farges "pode tanto repugnar quanto seduzir, gerar modo de assistência, sentimentos de compaixão[15]". Esses sentimentos

---

[14] Edson Queiroz, 2010.
[15] FARGE, Arlette. *Lugares para a História*. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 19

são elementos presentes na narrativa sobre a morte desse homem, indicando como as reelaborações da memória através do processo de transmissão oral evidenciam as percepções do acontecimento pelos sujeitos, que nesse caso serve para reafirmar uma memória da “Maldizença”[16].

Da mesma forma podemos citar as questões religiosas entorno da morte, a partir da crença na existência de uma vida pós morte e por conseqüência da imortalidade da alma, esse pensamento, sofre variações de acordo com o sistema religioso e cultural das sociedades ao longo do tempo e dos vários espaços percorridos pela humanidade no decorrer da sua história. Por conta disso, é que o ocidente cristão, mais precisamente a religião católica, definiu locais de destino para as almas, céu, purgatório e inferno, de acordo com a conduta em vida, sendo que o purgatório sofre variações de acordo com cada época[17]. Portanto é necessário buscar a salvação, pois esse é o objetivo de Deus para todo ser humano, essa é a mensagem que ao longo dos séculos vem sendo pregada pela Igreja cristã ocidental[18]. Nesse sentido é que a morte passa a ser permeada por várias simbologias e ritos que ao longo do tempo vem passando de geração a geração. A começar pela preparação para o fim, no caso de uma “boa morte”, que é ritualizada desde a sentinela para com o doente com a presença da família, amigos e vizinhos, até a ritualização no velório com todos os cuidados necessários para com o corpo do morto, e esses ritos fúnebres se estendem até o enterro[19].

No caso da morte de Carlos Vieira, ocorre uma ruptura ritualística cristã, a começar pela morte repentina em que o indivíduo não dispõe de tempo para se preparar para a esse momento, depois temos o esquartejamento do corpo que fere com a premissa de que os mortos ressuscitarão, portanto o corpo não pode ser violado sob pena do espírito não encontrar sua morada ao retornar do sono profundo. Acreditamos que este fato também

---

16 CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In_____ AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Morais (Orgs.). *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

17 VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório ou o trabalho do luto*. Tradução, Aline Meyert e Roberto Cattani. – São Paulo: Editora UNESP, 2010.

18 BRITO, Ênio José da Costa. Os mortos vivos: uma leitura teológica. In: OLIVEIRA, Marcos Fleury de e CALLIA, Marcos H. P. (Orgs). *Reflexões sobre a morte no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2005.

19 Sobre a história da morte e as atitudes diante da mesma ver em: ARIÈS, Phillipe**.** História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro. Ediouro, 2003; ELIAS, Robert. *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001; MARTINS, José de Souza. A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983. REIS, João José. *A morte é uma festa:* ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

influenciou nas percepções desta morte e das que vieram posteriormente prenunciadas pela "Maldizença".

Podemos afirmar que esse pensamento em uma vida após a morte é o fio condutor da existência de um imaginário sobre a "Maldizença". Se pensarmos no próprio termo, veremos que é carregado de um significado que alude a algo ruim, aquele que se mal diz, contrário de bem, nesse caso, aqueles que se maldizem, levando em conta, a partir dos relatos, que eram várias vozes que se lamentavam e anunciavam o mal que rondava a comunidade.

Por volta de um ano e meio depois, em certa noite, mais uma vez algumas pessoas escutaram vozes trazidas pelo vento, que choravam, gritavam, se lamentavam e pediam socorro, causando medo em quem tinha a audição invadida pela sensação de sofrimento transmitido por essas vozes, e no dia seguinte a angustia foi a sensação que tomou conta de quem havia escutado a "Maldizença" na noite anterior. Passado alguns dias outro acontecimento trágico, desta feita ocorrida em pleno festejo natalino, chamou atenção do povoado, um homem que tinha por nome Valdomiro[20] foi assassinado a golpes de faca na presença dos moradores.

Uma das pessoas que nos falou sobre essa morte foi Dona Maria Nogueira Viana[21], que presenciou o acontecimento quando ainda era muito jovem, sendo também uma das pessoas que ouviu a "Maldizença" que antecedeu esse momento.

> Ai, ai, assim como se tivesse matano, lá pracolá onde houve aquela morte, dentro daquela capoeira acolá, no tempo que houve umas morte que mataro o finado Carlos todo rolado de foice, de facão [...] uma maldizença daquela parece assim uma pessoa que ta matano outra, maltratano sabe?[...] aquela maldizença se maldizeno, ai, ai. Uma noite eu acordei o João. Vinha daquele lado ali do cajueiro[22], eu morava naquela casa perto do cemitério. Uma vez eu vi aqui, bem pertim, essa foi pouco tempo, mas a de dentro da capoeira foi de passar um bom pedaço. Só eu ouvi nesse dia, quando acordei o João e disse: tu ouviu aquela maldizença[...] num é nem na terra é assim no ar. No dia que a Elvira ouviu, Ave Maria, a Elvira foi na porta dela, a Elvira ouviu o choro. Oi aquela morte que houve aí, já houve muita morte aqui nessa Oiticica, houve uma aí, houve outra ali na calçada[...] aquela morte dali[...] e essa daí eu ia saino da Igreja[...] era o

---

20 Nome fictício.

21 Maria Nogueira Viana, na ocasião da entrevista com 68 anos, entrevista realizada em Oiticica, Ibaretama, Ceará, julho de 2009.

22 A direção indicada por Dona Maria vai no sentido do mesmo local em que ocorreu a morte de Carlos Vieira.

> finado Valdomiro, você num conheceu não, muier mataro ele aí e a véa em cima, a mãe dele em cima pedindo, parecia um bocado de cachorro agarrado chega a poeira cobria e a faca[...] era bem três. Ele veio acabar de morrer dentro dessa casa acredita? Ainda correu[23].

A morte de Valdomiro, assim como a de Carlos Viera também foi causada por uma vingança. De acordo com as memórias, entorno de dez anos antes de sua morte, Valdomiro teria se envolvido em uma briga onde feriu seu adversário quase o levando a óbito, deixando marcas profundas tanto físicas quanto morais na família da vítima da agressão. Anos depois se aproveitando de um momento festivo[24], dois homens, um irmão e um primo do homem agredido por Valdomiro, decidiram se vingar matando-o a golpes de facas na calçada da Igreja. Um momento de tensão que ficou marcado na memória da comunidade pela violência que foi praticada. Da mesma forma que os demais, Dona Maria também iniciou seu relato com a morte de Carlos, indicando que o clamor das vozes tem origem nas proximidades do local em que ele morreu, e ainda relata várias mortes violentas ocorridas na comunidade.

Esse acontecimento fez com que a morte de Carlos Vieira fosse rememorada, e ao mesmo tempo foi associada aos agouros que havia "aparecido" há poucos dias atrás, e, na compreensão da comunidade, funcionou como a peça que faltava no quebra-cabeça para formularem um pensamento sobre esse fenômeno que estava ocorrendo no povoado, que para eles tratava-se de um mau presságio que anunciava a morte, e pelas circunstâncias em que ocorriam, em geral violentas.

Câmara Cascudo[25] afirma que histórias de maus presságios são comuns na tradição popular do Nordeste, a exemplo das aves e pássaros de agouros, principalmente a coruja rasga mortalha, que assusta com seu barulho estridente agourando aqueles que estariam na ânsia da morte, que seu grito se assemelha ao rasgo de um tecido, que no imaginário popular seria o tecido da mortalha do doente que por ventura esteja na casa em que o pássaro sobrevoou, dando origem ao nome rasga mortalha,

---

23 Maria |Nogueira, 2009.

24 Segundo senhor Mauro e Senhor Josino, esses momentos eram propício por que facilitava a fuga em meio as pessoas.

25 CASCUDO, Luiz da Câmara. *Coisas que o povo diz*. 2ª Ed: São Paulo, Global, 2009.

Segundo as memórias a partir de então a grande maioria das mortes que se sucederam Francisco[26], Álvaro[27], Antônio[28], José Walter[29] e tantos outros, todos assassinados violentamente, foram precedidas por esse fenômeno, interferindo, mesmo que momentaneamente, no cotidiano da comunidade, uma vez que as pessoas ficavam apreensivas a espera de algum acontecimento que teria a morte como desfecho.

Verificamos que as memórias relatam muito superficialmente outros tipos de mortes anunciadas pelo "Choro", a exemplo das mortes por acidente, que assim como as violentas são consideradas como desgraça, enquanto que a morte natural não é citada como tendo sido precedida pelo presságio. Na compreensão dessas pessoas a palavra "desgraça", como é empregada aqui, serve para designar a ruptura da vida de uma forma inesperada, sem que a pessoa possa ter uma noção de que o fim se aproximava, como em geral ocorre nas mortes naturais. Portanto a semelhança entre a morte por acidente e a morte violenta consiste na forma abrupta de se perder a vida, no entanto no acidente existe a imprevisibilidade do acontecimento, enquanto que na morte violenta da forma dos exemplos citados existe uma intenção por parte de quem planeja, dado que geralmente decorre de uma vingança ou acerto de contas.

Nesse sentido a "Maldizença", enquanto mau presságio anunciava um momento de tensão social, além de antecipar a angústia da presença da morte, assim como o sofrimento que a cercava levando momentos de medo para a comunidade, onde a violência e algumas concepções religiosas, como duas dimensões socioculturais, se configuram como responsáveis pela formação de um imaginário acerca da vida, da morte e do sobrenatural que influenciou a comunidade de Oiticica no período estudado.

Ao longo da história da humanidade homens e mulheres compartilharam do sentimento de medo diante de alguma ameaça. Cada época, com seus motivos, desencadeou ondas de temor em comunidades, sociedades, civilizações e no indivíduo em particular, pois o homem é por natureza um ser que cultiva o medo, e este o acompanhará por toda sua existência. Se olharmos panoramicamente para a história da humanidade, veremos que as guerras, as epidemias, a fome, a violência, dentre outros, provocaram grandes ondas de

---

[26] Nome fictício.
[27] Nome fictício
[28] Nome fictício.
[29] Nome fictício.

medos coletivos. Para o historiador Jean Delumeau[30], quando o medo é coletivo tem um significado menos rigoroso e mais amplo que o medo individual, pois desencadeia uma série de emoções oriundas do terror, esse medo é entendido como o hábito que um grupo tem de temer alguma ameaça, real ou imaginária.

Pelas memórias, uma série de sentimentos e atitudes se confunde diante da possibilidade da presença da morte e da forma utilizada por ela para se manifestar. Algo aterrorizador, que chega para anunciar o mal, pois neste caso a morte é o mal, por trazer consigo o anúncio de uma situação de tensão que se abateria sobre a comunidade ou adjacências. Esse anúncio modificava o cotidiano daqueles que ouviam o temido "Choro" espalhando o medo, e aí surgiam as indagações, o que estará por acontecer? Quem estará envolvido neste possível episódio marcado pela violência? Será da família, amigo, vizinho ou desconhecido? Já se pode imaginar a fragilidade em que algumas pessoas se encontravam nesta situação, pois o medo de perder a vida ou um ente querido, por morte natural e em maior escala pela violência, permeava a imaginação.

Vejamos a experiência do Senhor Antônio Maria, já citado anteriormente, que dentre outras histórias nos falou sobre a experiência de ouvir a Maldizença:

> A Maldizença ta com mais ou menos uns quinze anos que não existe por aqui mais existia, quando acontecia morria gente, essa *maldição* nunca ninguém descobriu o que é, mas era assim, por exemplo, um dia nós fumo a uma festa no Alto Santo por dentro aqui de pés, ainda era solteiro, quando nós vinha de madrugada, quando chegou bem ali assim, ouvimos aquele choro aqui na rua, aí o Onofre disse:
> - Negrada mataram alguém, olha o chororô do povo.
> Aí nós viemo quais correno, a estrada lá por acolá e nós cortamo aqui por dentro pra chegar logo, nós ouvimos e alguém aqui na rua também ouviu, tinha um pessoal que morava nessas casas aí que também ouviram, viemo pelo campo de futebol pra chegar mais logo, quando nós chegamo no portão do campo o choro já estava pro lado de cá, como se fosse nessas casas aí, aí o Onofre disse:
> - Ói foi a mulher que morreu ou então foi o filho dela que mataram em fortaleza e vieram deixar.
> Aí nós viemo pra lá olhar, quando nós chegamo lá o choro já tava aqui embaixo, longe.[...] tem hora que é choro, tem hora que geme, qualquer pessoa que ouve tem medo, aquela coisa: ai meu Deus, me acuda, num sei o que, fala por nome de santo que a gente num sabe nem que existe. [...] Muita gente ouvia isso por aqui, logo depois morria gente[...]. Era tanto que quando

---

30 DELUMEAU. Jean. *História do medo no ocidente. 1300-1800 Uma cidade sitiada*; tradução: Maria Lúcia Machado; tradução de notas: Heloisa Jahn. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

> o pessoal ouvia ficava só esperando. A Dona Mundinha, que era mãe do Seu Mauro, ela quando ouvia, chamava logo o João Raimundo[31]e dizia:
> - João Raimundo pode cavar a cova, que nesses dias morre gente, e era verdade[32].

Nas palavras do Sr. Antonio ficou nítida a relação da "Maldizença" com as mortes violentas enraizadas nas memórias do povo de Oiticica, pois ao ouvir a "maldição", como ele denomina, de imediato o seu companheiro já associou com a morte ao afirmar que haviam matado alguém por conta do chororô do povo, inferindo que poderia ser o filho da dona da casa citada, que teria sido vítima de um crime, mas não descartou a possibilidade da morte da mulher, mesmo por motivos naturais. No entanto a morte até poderia ocorrer por outros motivos, mas a princípio já era associada com a violência.

A narrativa nos fornece uma melhor compreensão desse momento, na medida em que demonstra a angustia que se instalava no indivíduo que escutava, tendo em vista que já se inferia os acontecimentos posteriores. Para uma melhor compreensão da angústia vejamos essa definição:

> Reduzida ao plano psíquico, a angústia, fenômeno natural ao homem, motor de sua evolução, é positiva quando prevê ameaças que, por serem ainda imprecisas, nem por isso são menos reais. Estimula então a mobilização do ser. Mas uma apreensão demasiada prolongada pode também criar um estado de desorientação e de inadaptação, uma cegueira afetiva, uma proliferação perigosa do imaginário, desencadeando um mecanismo involutivo pela instalação de um clima interior de insegurança[33]

De fato, neste caso, essa mobilização que trazia em seu cerne a ideia de uma ameaça desencadeava um clima de insegurança, porém não era compreendido como algo positivo pela forma com que a angústia se apresentava, ou seja, através dos agouros da "Maldizença", assim também como já se previa o tipo de ameaça que rondava a comunidade, portanto para essas pessoas a angústia e o medo se davam muito mais pelo desenrolar dos fatos.

---

31 João Raimundo era o coveiro do cemitério de Oiticica, antes do Sr. Antônio.
32 Antônio Maria, 2009.
33 DELUMEAU. Op. Cit. p. 34-35

Em nossas conversas na comunidade sempre as pessoas buscavam enfatizar a veracidade dos acontecimentos, e essa ênfase na verdade está ancorada no fato de que estamos tratando de um assunto que por natureza tem uma áurea mítica para quem não a vivenciou, mas que faz parte do sistema imaginário do lugar, portanto é real para a comunidade que viveu a experiência, pois esse imaginário influenciou por um bom tempo a vivencia social da comunidade. O próprio sujeito que falava necessitava da certeza de que o seu relato fosse tido como verdadeiro por nós que o escutávamos.

Dona Francisca Carlos da Silva, conhecida por Dona Tica, uma senhora de 82 anos atualmente, que nos recebeu com muita simpatia para uma conversa breve, porém reveladora sobre o nosso objeto. E assim ela nos relata:

> Agora ninguém ouve mais não, aquele povo chorando, conversando no mei do mundo. Eu num ouvi não, mas ouvi comentar, mas é verdade(...) se maldizeno, aí meu Deus, ai meu Deus, assim todo tempo, a gente pensa que é uma pessoa, mas que é a Maldizença, se chama Maldizença. (...)Diz que a pessoa se arrupeia. (...)Eu só vejo o pessoal dizeno que tem essas maldizença por aí. Eu nunca vi não, num vou dizer que ouvi, só vejo o povo dizer, mas era verdade. No dia que mataram o finado acolá, com poucos dias tinha acontecido a Maldizença. Um sobrinho meu que o cara matou de faca. Apareceu a Maldizença:
> - Tica essa noite era uma Maldizença acolá na rua eu queria que tu visse.
> Eu disse:
> - Ave Maria num quero nem saber.
> - Tica a gente se arrupia todinha...
> Quando foi na outra semana mataram ele, a morte mais forte que aconteceu aqui na Ibaretama foi a dele.(...) ele imitava a Paixão de Cristo num sabe, o povo saia com as coisas, os santos aí ele imitava a Paixão de Cristo, quando ele morreu ficou do mesmo jeito[34].

Como se pode perceber ela nunca ouviu os agouros da "Maldizença", no entanto ela falou com muita convicção de como acontecia, as palavras pronunciadas pelos agouros, e o estado de medo em que se encontravam os que ouviam.. Assim como os demais, ao falar sobre o assunto, Dona Francisca de imediato já recordava a morte do seu sobrinho de nome José Walter, ocorrida a golpes de faca no ano de 1989, que foi prenunciada pelo "Choro", portanto essa manifestação em específico trouxe recordações amargas para Dona Tica. .

Duas informações nos chamaram atenção nas narrativas, a primeira foi o deslocamento das vozes no ar como se ocupassem alguns espaços, sobre determinados

[34] Francisca Carlos da Silva. Na ocasião 78 anos. Entrevista realizada, em Oiticica, Ibaretama, Ceará, em 19 de maio de 2009.

pontos específicos do pequeno povoado, ficando a mercê do vento para ser transportada. Câmara Cascudo fala da crença popular nas formas e limitações somáticas da morte que, assim como qualquer criatura viva, ao se deslocar provoca movimentos no ar, portanto ocuparia um lugar no espaço, o que explicaria outras crenças em relação aos indícios da passagem da morte por perto de uma pessoa, tais como estremecimento súbito, arrepiamento do dorso, sensação rápida de frio, o estremecimento da chama de uma vela etc, tudo isso, segundo este autor, pode ser interpretado como sinais da presença da morte. Para ele a crendice estabeleceu um conceito popular sobre a personificação da morte diferente daqueles estabelecidos na Idade Média com figuras de esqueletos com foice etc, ao contrário, fixa "a ideia de uma conformação estável e que, mudando de lugar, determine um movimento perceptível no ambiente, impressionando o sistema nervoso dos entes humanos e de certos animais, cães, gatos, pássaros de agouro, dando a epiderme a crispação e o arrepio"[35].

A segunda informação é o que se refere ao tempo das manifestações da "Maldizença", ou seja, o tempo noturno, que guarda mistérios que inquietam a nossa subjetividade, que desde períodos remotos da historia da humanidade foi palco das manifestações do além. É na escuridão da noite que emergem os sinais do mal, ladrões, assassinos, perseguidores, espíritos e tudo mais que atormentam a tranquilidade dos homens e mulheres. O medo na e da escuridão sempre esteve presente na nossa história, seja por conta dos perigos que ela representa, seja pela vulnerabilidade a que ela submete a nossa subjetividade. Se observarmos da antiguidade à contemporaneidade perceberemos que surgem histórias, lendas, crenças e personagens que tem na noite seu momento de atuação. Se recuarmos até os séculos XV ao XVII teremos como exemplos as batalhas travadas durante a noite no rito de fertilidade dos benandantis, registrada pelo historiador italiano Carlo Ginzburg em "Os andarilhos do bem"[36], onde estuda como um sistema de crenças populares foram assimilados a feitiçaria em uma sociedade camponesa, a friulana. No estudo, feito através de documentação inquisitorial, Ginzburg relata como essas pessoas afirmavam sair de seus corpos durante a noite para combater os espíritos do mal por amor a colheita, sendo interpretados como bruxos e feiticeiras pelos inquisidores. Estes, por sua vez,

---

[35] CASCUDO. Op. Cit. p. 106.

[36] GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XV e XVII.* Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo, Ed.Companhia das Letras, 1988.

são personagens noturnos que desde tempos remotos permeiam o imaginário do ocidente e geralmente são tidos como maus, e na calada da noite praticam suas bruxarias.

No Brasil também existem relatos sobre procissões noturnas das almas. A historiadora Sandra Nancy[37], ao citar Leonardo Arroyo, fala sobre o imaginário popular de São Paulo que acreditava que na Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Embu, em determinadas noites a Igreja é palco dos esqueletos dos padres jesuítas que levantam das sepulturas sob o altar-mor e desfilam até o seminário para confabular com os outros mortos, e quando a noite se aproxima do fim os esqueletos em procissão retornam para suas sepulturas na Igreja.

Fenômeno semelhante foi registrado pela mesma historiadora no imaginário popular da região do Cariri no Ceará. Lá as pessoas acreditam que durante a noite as almas se reúnem em procissão e saem em cortejo pelas ruas, produzindo sons que ninguém entende o que elas falam. A autora faz referência ainda a resquícios semelhantes na Europa dos séculos XII e XIII, onde se ouviam sons não identificáveis que eram produzidos pelos espíritos, ao citar Jean Claude Schmitt, Sandra Nancy afirma que: “os espíritos falam, mas com uma voz estranha de ventríloquos: uma fala do interior das vísceras e não com língua, como em um cântaro vazio”[38]

Dependendo das circunstâncias a noite pode exercer grande influência sobre uma pessoa, uma comunidade ou uma sociedade inteira, e nesse caso o que pode ser tido como lenda passa a ganhar notoriedade e status de verdade, a partir do momento que passa a influenciar a vida de uma pessoa ou comunidade. Sobre a noite nos fala Delumeau:

> Os “perigos objetivos” da noite tenha levado a humanidade, por acúmulo ao longo das eras, a povoá-la de “perigos subjetivos” é mais do que provável. E dessa maneira já o medo na escuridão pôde tornar-se mais intensamente e mais geralmente um medo da escuridão. Mas este último existe também por outras razões mais internas e que se prendem a nossa condição. A visão do homem é mais aguda de que a de muitos animais, como o cão e o gato; desse modo, as trevas deixam-no mais desamparado que muitos mamíferos. Além disso, a privação da luz atenua os “redutores” da atividade imaginativa. Esta, liberada, confunde mais facilmente do que durante o dia real e a ficção e corre o risco de desorientar-se fora dos caminhos seguros. É ainda verdade que a escuridão

---

[37] BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. *Oralidade, Memória e Tradição nas Narrativas de Assombrações na Região do Cariri.* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará,. Fortaleza, 2011.

[38] Idem. p. 79.

> nos subtraem a vigilância de outrem e de nós mesmos e é mais propícia que o dia aos atos que nos reprimimos de encarar por consciência ou temor (...) o desaparecimento da luz nos confina no isolamento, nos cerca de silêncio e portanto nos "desassegura"[39].

As formas pelas quais esses fenômenos se apresentavam eram legitimadas na escuridão da noite, quando os vivos estão mais vulneráveis a essas visões. E em Oiticica, nesse período, a escuridão fazia parte do cotidiano, com um diferencial das outras partes do sertão por está situada nas encostas de uma serra, que pela sua dimensão também guarda seus encantos, segredos, magias e medo, a ponto de uma simples rajada de vento descendo a serra com seu assobio na escuridão da noite fazer tremer aqueles que ficam atentos aos barulhos e ruídos exteriores as suas residências. Quem nos dar um panorama da noite "daquele tempo" em Oiticica é o Senhor Edson[40]:

> Naquele tempo que eu cheguei lá na Oiticica não tinha energia (...) tinha um motorzim quando dava nove horas apagava. Se você quiser ver o que é esquisito você vá na Oiticica de noite no escuro, é uma coisa horrível, e a serra bem pertim, os quintal encosta na serra, é aquela escuridão maior do mundo, aquela coisa triste[41].

De fato este é o cenário descrito por aqueles que presenciaram os agouros da "Maldizença". Essas vozes que vagueiam na escuridão da noite, remetem a ideia das almas que, segundo o imaginário cristão, são aquelas que não estariam preparadas para receber a graça de ganhar a salvação divina e necessitariam de ajuda dos vivos para pagar suas dívidas com o mundo terreno. Com a criação do purgatório a Igreja católica criou um terceiro local para as almas pecadoras que pudessem ter a chance de regeneração e buscar o reino dos céus, nesse sentido as almas puras receberiam as bênçãos do paraíso iriam para o céu, as sem perdão penariam eternamente no fogo do inferno suportando suas terríveis penas, e aquelas com chances de regeneração seriam encaminhadas para o purgatório. Como terceiro local criado pelo ocidente cristão, o purgatório passou por algumas transformações ao longo do

---

39 DELUMEAU. Op. Cit. 142-143.

40 Edson Queiroz, no momento da entrevista com 76 anos, entrevista realizada em Quixadá, Ceará, em 23 de julho de 2010. Residiu em Oiticica na década de 1970. Policial militar aposentado foi destacado para Ibaretama e trabalhou no período citado na região de Oiticica e circunvizinhança.

41 Edson Queiroz, 2010.

tempo de acordo com as concepções religiosas de cada época, chegando a desaparecer do discurso da Igreja, porém permanecendo ainda no imaginário popular ocidental[42].

Nessa perspectiva as almas do purgatório não teriam ainda um destino definido ou não teriam recebido a graça da misericórdia divina e teriam a chance de regeneração para a expiação de seus pecados, nesse sentido transitariam entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos, e assim os mortos passariam a viver diante de nós até que conseguissem a sua liberação definitiva do corpo físico. Teriam dessa forma algo para resolver com as pessoas de seu convívio e a comunidade da qual fizeram parte. Sobre esse assunto nos fala Vovelle

> Esse encontro é temido, pois de um folclore para o outro, mesmo que haja exemplos de defuntos indulgentes, há muito mais casos de mortos reivindicativos, que solicitam as ajudas e prestações- ou as orações dos vivos – para que possam finalmente "soltar-se" dos laços que os detêm, como há também, os mortos simplesmente agressivos, sanguinários até. O morto agarra o vivo e tenta levá-lo com ele para aplacar alguma vingança obscura. Daí a multiplicidade de gestos "mágicos", como se dirá, com as quais a antemorte (os presságios), a agonia e a passagem, assim como a sepultura, e mais ainda a pós-morte, são cercadas quando se trata de apaziguá-los, ou mantê-los a distância mediante oferendas ou prestações[43].

A presença dos mortos reivindicando orações e pagamento de promessas é algo que permeia a tradição nordestina, assim como também existem indícios em outras épocas e sociedades, não apenas de mortos pedindo orações, mas também dos mortos sanguinários que retornariam para pedir vingança pela sua morte e muitas outras reivindicações, fazendo surgir várias crenças e superstições acerca da aparição dos mortos[44]. De fato os registros históricos do ocidente cristão apontam para crenças atestadas no início do primeiro milênio de nossa era que ainda permaneciam vivas na metade do século XX, quando se acreditava que os mortos do mar, vítimas de afogamentos, estavam condenados a vagarem até que a Igreja orasse por eles, pois vagavam por não terem tido uma sepultura de fato. Da mesma forma acreditava-se que todos aqueles que não se haviam beneficiado de um falecimento natural e, portanto, tinham efetuado em condições anormais a passagem da vida a morte.

---

42 VOVELLE. Op. Cit. .
43 Idem. p. 31.
44 Sobre aparição dos mortos ver em : DELUMEAU. Op. Cit.; VOVELLE. Op. Cit.; CASCUDO. Op. Cot

No que se refere a Maldizença, para dona Francisca: "isso é os que morre que fica pelo mei do mundo se maldizeno...[45]" Nesse caso ela evocou a situação das almas do purgatório citadas anteriormente, que não se desprenderam totalmente da vida terrena e vagavam em busca de socorro para a expiação dos seus pecados. Vejamos outra opinião: "Acho que aquilo ali não é coisa do mundo não, é alguma coisa que vem atacada por alguma coisa, num é de Deus não, Deus num vai botar o que é ruim no mundo não, Deus não pratica nada ruim, nós é quem pratica[46]".

Para ela isso jamais poderia ser coisa de Deus, pois não trás o bem, só prever o que é ruim, a partir do momento que espalha o medo e anuncia a morte, tida aqui como ruim pelo fato que essa morte precede um ato de violência, ou em alguns casos precede uma morte que não é natural. Sendo evangélica, ela não se aprofunda nas especulações, pois só existe o bem e o mal, o bem que vem das ações de Deus para com os humanos e o mau fruto da maldade do demônio.

Falar da morte como algo que traz um fim para a vida é enveredar por um mundo desconhecido em que o medo em determinadas circunstâncias chega a ditar atitudes, costumes, crenças etc. entorno do desconhecimento do pós morte para a1ueles que acreditam. Quando esse medo está associado a mortes violentas ele passa a ter uma dimensão bem maior, pois a violência em si gera tensão social, que já é uma situação de medo, juntando-se a isso todas as crenças, costumes e ritos que perpassaram pela história da humanidade de geração a geração sofrendo algumas modificações entorno das crenças. Em Oiticica a morte influenciou bastante a vida das pessoas no período estudado, através dos agouros da "Maldizença". As tensões sociais que espalhavam a onda de medo geralmente traziam a morte consigo, essa morte, tida como ruim pelas circunstancia em que ocorriam, aguçava a imaginação que se tinha da mesma, fazendo com que a comunidade toda moldasse, a partir da sua experiência, a sua representação da morte. As vozes da Maldizença ainda ecoam nas memórias como uma marca indelével do tempo por está intimamente associada a momentos de sofrimentos vividos no passado. Essas marcas, tatuadas pelo tempo nas memórias, estão presentes em todas as narrativas quando o assunto é relativo as consequências do "Choro", ou seja, a visita da morte e geralmente trágica.

---

[45] Francisca Carlos, 2009.
[46] Maria Nogueira, 2009.